UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIA PAULA MOREIRA CASTRO

MUNDOS INVENTADOS: FANTASIA COMO RECURSO SIMBÓLICO ACERCA DA FAMÍLIA

UBERLÂNDIA 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIA PAULA MOREIRA CASTRO

MUNDOS INVENTADOS: FANTASIA COMO RECURSO SIMBÓLICO ACERCA DA FAMÍLIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz L. Paravidini.

UBERLÂNDIA 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA INSTITUTO DE PSICOLOGIA

MARIA PAULA MOREIRA CASTRO

MUNDOS INVENTADOS: fantasia como recurso simbólico acerca da família

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz L. Paravidini

Banca Examinadora: Uberlândia, 12/07/2019

Prof. Dr. João Luiz L. Paravidini (Orientador)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia - MG

Sofia Carneiro de Sá (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia - MG

Thaís Velloso Frauendorf (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia – MG

UBERLÂNDIA 2019

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o valor da função simbólica da família para o desenvolvimento físico, social e psíquico operado na segunda etapa do desenvolvimento infantil. É proposto a análise do contexto histórico em que a família se origina, bem como a forma com que vem se transformando ao longo do tempo e tem sido concebida pelo corpo social na atualidade. Utiliza-se da produção cinematográfica de "Onde Vivem os Monstros", dirigido por Spike Jonze em 2010, filme inspirado no conto infantil de Maurice Sendak de 1963, e do livro Coraline, escrito em 2003 por Neil Gaiman, para focalizar esse período crítico de transição da infância para a adolescência. Elegendo como metodologia a revisão bibliográfica, é convidado a se pensar a função da família na criação dos mundos sugeridos pelos personagens Máx e Coraline, que atualizam na fantasia, suas experiências individuais e a busca por uma diferenciação na construção de suas identidades. A crítica aos pais ou desencantamento da realidade subsidia o direito de confrontar-se com ela. Vivenciam a queda dos ideais e o terror da castração numa produção ativa de seus próprios monstros. A crise ocasionada pela perda de referenciais simbólicos produz novas formas de se ler a realidade. O novo lugar criado é uma expressão metafórica desse temor às mudanças e suas tentativas de produzir reconfigurações parentais de teor regressivo narcisista no planto literário e individual. Os personagens dizem por nós sobre a busca de um enfrentamento tanto singular quanto social de nossas incertezas contemporâneas.

Palavras-chave: Psicanálise, infância, família, contemporaneidade

ABSTRACT

The present work investigates the family's symbolic function's value in the social, physical and psychological development, which occurs in the second stage of children's development. It is proposed to examine the historic context in which the family origins, the changes it has been through and how it has been seen in current day's social context. The movie "where the wild things are", directed by Spike Jonze in 2010, inspired by Maurice Sendak's tale for children from 1963 and the book Coraline, written by Neil Gaiman in 2003, is used focusing on the critical transitioning process from childhood to adolescence. It is employed the literature review methodology leading to think the family function in the creation of the worlds suggested by both characters, Max and Coraline, who update to their fantasy their individual experience and search for a differentiation in the construction of their identities. The criticism of parents or disillusionment of reality subsidizes the right to confront it. They experience the fall of ideals and the castration complex in an active production of their own monsters. The crisis caused by the loss of symbolic referential produces new ways of experiencing reality. The new place created is a metaphorical expression for this fear of change and its attempts to produce narcissistic regressive parental reconfigurations, literary and individually. The characters say for us about the quest for a unique and social confrontation of our contemporary uncertainties.

Key words: Childhood, family, contemporary, psychoanalysis.

Sumário

1. O DESMONTE FAMILIAR 7
2. A INVENTIVIDADE DA PRODUÇÃO DE NOVOS MUNDOS 15
3. SUA MAJESTADE, MÁX 17
4. CORALINE JONES 26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 33
REFERÊNCIAS: 36

MUNDOS INVENTADOS: Uma análise da família contemporânea

1. O DESMONTE FAMILIAR

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da função simbólica da família para transição (física, social e psíquica) operada na segunda etapa do desenvolvimento infantil. Para tanto, busca-se retornar aos primórdios de sua concepção e modo como tem se (re)construído através do tempo. O modelo de família nuclear impenetrável vem sofrendo constantes modificações, sendo que sua transmutação aflige aqueles que temem por seu fim. Por isso é proposto, também, repensar seu papel perante a organização social em que vivemos e assim desmistificar seus desdobramentos.

Utiliza-se do recurso cinematográfico para dar suporte e embasamento a teoria psicanalítica. O filme "Onde Vivem Os Monstros" (2010), do diretor Spike Jonze, consiste em uma releitura do livro infantil de Maurice Sendak, datado de 1963. E do romance "Coraline", conto infantil escrito por Neil Gaiman em 2003.

Tomando como partida nossa sociedade moderna, a "dissolução" da família tem sido percebida com crescente preocupação. Temem o seu fim e o resultado que traria na vida de seus membros. O pavor de sua eminente desintegração acarretaria mudanças apocalípticas na ordem social, isto porque as crianças, que cresceriam sem as respectivas figuras parentais, trariam consigo o desajuste da sociedade moderna e seriam mais propensas a violência, drogadição, etc. Fica encrustado no imaginário a relação estreita entre família nuclear e suas recombinações, eliciando desastres catastróficos no grupo social.

Acontece que é de natureza humana temer o desconhecido, tudo que surge e destoa do padrão já estabelecido é acolhido com medo e suspeitas. Nosso período histórico aponta para

um estado de crepúsculo, em que a transição e a não permanência de tradições é a máxima certeza. Daniela Teperman (2012) diz que tudo, assim nas ideias como nas coisas, na sociedade como no indivíduo, encontra-se em estado de crepúsculo. A fase representa uma passagem, uma era de certezas absolutas ao encontro de um novo mundo, ainda disforme, mas em transformação sempre. O que causa angústia é justamente a perda do referencial simbólico da família tradicional. Um saudosismo do ideal que nunca se teve. As constantes mudanças no corpo social são sentidas como ameaça, porque o novo nos confronta e convida a reavaliar qualquer representação que outrora confortara nossas angústias (Ceccarelli, 2007).

A família não está em crise, muito menos corre o risco de ser extinta. Isto por que é eterna, ela está calcada na solidez de uma função simbólica, já que conta com um sem fim de plasticidade e recomposições. Rudinesco (2003) conceitua o termo família em resíduo para dizer dessa eternidade, há algo de irredutível, que persiste na trans-historicidade do laço familiar. Não é o modelo nuclear que resiste, mas seus desdobramentos e reconfigurações que perpetuam sua existência, independente do momento histórico em que se reside, ela está ali e forte.

Existe um receio de que a perda do referencial identificatório se rebelaria na estabilidade social, em proporção direta à delinquência juvenil, violência, desorientação, drogadição, etc. Maria Rita Kehl (2013) atenta para o mito de que a família é o núcleo de transmissão do poder e que sozinha deve dar conta de suportar toda a ordem e moral imposta. Como se apenas o fato de compartilharem do mesmo sangue garantisse um futuro virtuoso e inabalável da geração que se segue. É preciso lembrar que o modelo ideal nunca foi sinônimo de segurança e normalidade. Foi no seio da família nuclear que Freud desenvolveu grande parte de sua teoria, principalmente nas contribuições de seus estudos com histéricas e demais neuroses. Não nos cabe dizer ou sentenciar um molde perfeito que seja capaz de assegurar as condições necessárias à

constituição de um indivíduo. Não é depositando fé em uma mera estrutura familiar que afugentaríamos qualquer rebelião.

O cenário contemporâneo abre novos espaços e possibilita extrema mobilidade das reorganizações familiares. O objetivo principal de criar os filhos é atravessado por novas formas de convívio e inventivas configurações. Não há lei que as façam perdurar. Ter em vista tantos outros caminhos remete a uma quase confusão do que fazer deles. A liberdade torna viável o erro e a retaliação. Isto é, permite que corrijamos nosso destino, um milhão de vezes se necessário. Todavia, o preço que exige é cobrado em desamparo e mal-estar (Kehl, 2013).

Maria Rita Kehl (2013), ao discorrer sobre esse o alto custo cobrado, nos esclarece que o desamparo está ligado a perda do referencial da família, que agora não mais é uma rígida instituição, mas um agrupamento circunstancial e precário, que se legitima pela lei mais volúvel de todas, a dos afetos e impulsos sexuais. Enquanto o mal-estar, ele diz da eterna dívida deixada. Quando tomamos a família oitocentista como referencial para moldarmos a nossa, tem-se o vazio e a angústia de que seriámos incapazes de alcançá-la. A dívida vem da comparação entre o ideal e a que conseguimos inventar. O impasse criado nos faz saudosistas de uma época que nunca existiu, ou se sim, à custa de infindáveis recusas e renúncias. A mãe contemporânea se sente em falta com o filho, por não propiciar o lar seguro, estável e monogâmico que tivera, ou que não tendo, sonhara em ter. A autora traz o seguinte questionamento: "O que estamos lamentando que tenha se perdido? ".

É impossível falar da composição sem dizer do arranjo histórico, visto que o modelo da família é resultado e responsabilidade da ordem social que a produz (Ceccarelli, 2007). É impossível, também, falar de sua configuração sem salientar os resquícios da dominação masculina e consequente enclausuramento da família patriarcal.

A ordem social é regida como uma enorme máquina simbólica que se inclina na ratificação da dominação masculina na qual é pautada. Assim, essa visão de mundo que institui seu ordenamento no falo (ou na falta dele), como símbolo de virilidade e controle. Como se a diferença biológica construída justificasse duas essências sociais hierarquizadas. É a arbitrariedade do corpo, masculino e feminino, que legitima a condição androcêntrica da divisão sexual do trabalho e, portanto, de todo o resto. Ou ainda, se faz valer da dominação que é inscrita na natureza biológica, sendo a mesma uma construção social naturalizada (Bourdieu, 1998).

Para a mulher lhe era guardado o lugar doméstico, o cuidado para com a prole, a jardinagem, a cozinha. Seu destino encerrava-se na casa, no privado do lar, lhe era resignado o trabalho cansativo e infindável da limpeza e manutenção da boa ordem. Ao passo que para o homem, o contrário. A ele, a vida pública e honrosa de provedor, daquele que saia em busca do pão, daquele que sabia e governava o lar, transmitindo todo seu conhecimento e poder para os que o esperam, pacientemente.

A família nuclear (pai, mãe e filho) do século passado, e da qual se lamenta ter-se destoado, era mantida por consecutivas renúncias e silêncio. Esperava-se da mulher, obediente submissão e que, por encerrada no lar, permanecesse dependente economicamente. O arquétipo Anjo do Lar, introduzido por Virginia Woolf, para a Sociedade Nacional de auxílio às mulheres, em 1931, diz do modelo ideal, da feminilidade perfeita. Representa a boa esposa, aquela que põe o desejo de todos antes do seu próprio, a mulher simpática e encantadora, que nunca emite uma opinião sequer (por que não lhe é autorizado, ou não se julga capaz de ter uma para si), enfim, pura. Para a escritora, o Anjo do Lar habita em cada uma e como um fantasma, sempre atormenta. É preciso então, matá-la. Todos os dias.

Não é a família que está em xeque, mas sim o patriarcado. É com a Revolução Industrial que as mulheres tomam as fábricas e começam a ocupar um lugar do lado de fora. O trabalho

possibilita independência financeira, bem como o contato com outros mundos e níveis de sociabilização. As Revoluções feministas e sexual dos anos 60, também trazem importantes contribuições para sua emancipação. Visto que agora, acompanhada da pílula e outros métodos contraceptivos, sua vida sexual é desvinculada da função reprodutora. A mulher, podendo controlar o seu corpo, não é mais refém da condição materna, podendo experimentar seu gozo sem o peso do encarceramento. O surgimento da pílula também atormentava aqueles que temiam pelo fim da família e, mais uma vez, é como se a culpa pela dissolução da família patriarcal caísse sobre a mulher. Assim como Eva carrega a culpa de ter sido expulsa do paraíso, na mulher contemporânea recai o peso de não conseguir manter uma organização de família tradicional, e por esta se martiriza constantemente.

Bourdieu (1998) fala que o ingresso da mulher no mercado de trabalho é a pedra angular do seu acesso ao divórcio. Assim, sendo o pátrio poder abalado, é possível supor certo movimento de deslocamento para o lado feminino, o poder compensatório da posição materna e suas extensões, que agora são convidados a participar da vida e criação de seus filhos, como tios, avós, irmão e até amigos que carregam, através do vínculo firmado, outras variações do ser família (Kehl, 2013).

O modelo de família nuclear burguesa tem se perdido porque seu núcleo foi implodido. Assim, Maria Rita Kehl nos apresenta o conceito de família tentacular, fazendo analogia aos tentáculos dos moluscos, que abraçam vários outros integrantes, que antes não faziam parte. São agora filhos de outros casamentos, madrastas e padrastos que convivem com filhos do outro cônjuge, irmãos que não compartilham do mesmo sangue, avós que criam os filhos de adolescentes que não tem onde morar. Filhos adotivos ou por procedimento médico, enfim, existe um sem número de possibilidades para nova configuração. A família tentacular traz para si e cuida sem exigências sanguíneas ou genealógicas. Ela abraça quem está por perto e resiste pela lei indissolúvel do vínculo.

Defronte à infinita rede de relações e convívio, a humanidade se coloca em crise de referenciais simbólicos, tendo que produzir sempre outras formas para se ler o novo mundo. Fenômeno que é chamado de "reorganizações coletivas". A tendência ameaçadora de se perceber as mudanças atuais, deve-se a dilemas estritamente narcisistas. Isto porque toda transição pode ser experimentada como um ataque ao narcisismo. Advindo como defesa, o retorno ao mundo fantástico de nossa infância, ou de eras anteriores a nossa, mas que perpetuam no imaginário, a nostalgia. Quando o real parece intragável, retomamos às lembranças (Ceccarelli, 2007).

O meio histórico-social em que estamos inclusos, baseia-se no imaginário cultural para reproduzir e consolidar cópias do mesmo, esperando-se efeitos ilusórios de um ideal impossível de ser atingido. Tem como resultado a frustração e mal-estar oriundos da cultura (Ceccarelli, 2007).

A família contemporânea traz consigo incontáveis marcas da violência simbólica sofrida. Traz no seio, projetos abandonados e sonhos distantes que fora incapaz de realizar. A frustração dos próprios desejos é depositada na geração seguinte, que carrega o peso de continuar a vida e anseios de seus progenitores. A idealização compactua como bloqueio à legitimação da experiência vivida por essas novas famílias, estranhas e misturadas (Kehl, 2013).

O receio de que a ordem social seja abalada, pela fragmentação da família, trazendo à tona uma geração de adolescentes "desestabilizados", justamente pela falta de referência, retorna à preocupação de que sejam os causadores de uma organização apocalíptica, violenta e sem limites, é mítica. Assim como a família nuclear não é garantia de desenvolvimento sadio, a família contemporânea e suas ramificações não é sinônimo do patológico. Independentemente dos protagonistas em ação, o que importa para a inscrição psíquica da criança é o acolhimento, o desejo e o lugar na vida daqueles que cuidam.

O nascimento de um bebê não torna seus progenitores imediatamente pais. Isto por que o parto, entendido como fato físico, deve ser transfigurado em filiação, que circunda o fato social e político, depois, que possa ser inserido em uma organização simbólica e, portanto, um fato psíquico, para que assim se garanta a constituição do sujeito. Os 3 fatos, físico, político e psíquico são cada vez menos dependentes entre si (Ceccarelli, 2007).

O que está em jogo na subjetivação do bebê, independente da sua estrutura familiar, é o lugar que este ocupa no imaginário e na circulação do desejo de quem o acolhe. O que é indispensável é o olhar, os caminhos da pulsão e as escolhas de objeto que inscrevem no corpo do potencial sujeito a construção de um Eu.

A criança precisa ser atravessa pelo investimento libidinal de quem está por perto. Os atores não importam quem sejam, desde que os papéis (materno e paterno) sejam representados. Seu atravessamento pelo desejo inscreve no corpo o movimento psíquico e pulsional do bebê. Sem o cuidado este seria apenas um candidato em potencial de sujeito. A função paterna para Lacan diz à necessidade de que alguém encarne o Outro como representante da Lei e agente promotor da alteridade. É na triangulação edípica e do encontro com a lei que a criança é inscrita na ordem simbólica e, portanto, capaz de pertencer ao mundo social. O complexo de castração é responsável pelas restrições psicossexuais do novo corpo, responsável por inseri-lo na cultura e, assim, se tornando também um ser social, capaz de conviver com outros e consigo (Ceccarelli, 2007).

A função dos cuidadores é a de preparar o indivíduo para o convívio e normas sociais. Possibilitar seu ingresso na comunidade e assim permitir que este venha a ser. A responsabilidade é formadora.

As mães contemporâneas, por se sentirem em débito eterno com as famílias oitocentistas, e assim em falta com os filhos, encontram resistência ou dificuldade para a

imposição de restrições cruciais a este processo educativo. Educar significa acolher também os riscos inerentes à função. Educar significa investir na criança um lugar muito bem determinado na circulação do desejo, significa estar preocupado e em contínuo cuidado para aquele que está em formação. A negação disto, acarretaria o abandono moral. Aqueles que ofertam tudo, não doam o que é preciso (Kehl, 2013).

Educar é correr riscos e conseguir arcar com seus desdobramentos, sem exacerbados sustos. A criança implora que lhe imponham limites e são incapazes de fazê-lo. Colocá-los, em seu favor, não é contrariá-la. Pelo contrário, instruí-los pelo caminho da vida é negar-lhes o desamparo moral, é garantir a presença e que, mesmo distante, se saiba não caminhar só.

É inviável que se sustente o saudosismo desta família patriarcal, que existiu em um contexto diferente do nosso. A cultura, na qual estamos inseridos agora, é diferente da que já foi. Portanto, é preciso desmistificar a ideia ilusória da família ideal, para que assim consigamos legitimar as experiências que somos capazes de concretizar. A família inventada e recomposta não se faz menor do que a outra. O insubstituível é o amor.

São os laços afetivos e os vínculos criados que nos mantem sadios. Se a família é consanguínea pouco importa, que sejamos capazes de, na falta dela, inventar a nossa. Kehl atenta para as novas formas de aliança como complementar da paterna, e a chama de fraterna aquela que constitui referências sólidas para as identificações horizontais. A irmandade se demonstra mais estável do que os laços paternos. Assim como as novas experiências familiares experimentadas em grupos de amigos. Por que seriam menos família se o laço criado se faz permanente? O indispensável é o amor. Significa estar por perto, acompanhando com paciência e ternura as fases que apontam, a crescente evolução e amadurecimento. Crescer não é uma tarefa fácil, mas a certeza de não se estar só, o torna menos complexo. Ter uma rede forte de vínculos nos faz fortes.

Que não coloquemos nosso futuro em xeque com comparações irreais do que poderia ter sido. Não é preciso se ater a modelos fixos de felicidade. Ou ainda, confiar numa estrutura pré-definida que não nos cabe mais. Que não seja por medo, nem por renúncias. É no abraço, no beijo e no carinho que vislumbramos nosso olhar refletido no olhar do outro. Mais importante do que chegar, é saber como trilhamos e acompanhados por quem. Cuidar do futuro é garantia que só o amor proporciona. Este, definitivamente não deve faltar.

2. A INVENTIVIDADE DA PRODUÇÃO DE NOVOS MUNDOS

A primeira infância é também o primeiro contato com o mundo. Naquela onde a realidade do bebê é seu pequeno círculo parental, em que está por completo dependente dos cuidados seguradores de sua sobrevivência. A mãe, por despender-lhe o alimento e o seio, é seu primeiro objeto de amor e até que se dê a maturação necessária, representa seu mundo inteiro.

Crescer significa libertar-se da autoridade dos pais, que é inscrito no corpo pequeno como uma extensão de si mesmo. Visto que não tem ainda domínio da linguagem, a comunicação que consegue se faz a partir do choro, que lhe garante a satisfação imediata de todos os seus desejos, referentes primeiro, à nutrição. Tem registrado assim, memórias de um tempo em que era 'rei' e tudo existia porque ele era. Os pais da primeira infância guardam consigo a fonte de todos os conhecimentos e resguarda uma autoridade única. A idealização dos pais caracteriza sua reprodução na fantasia, que tem como objetivo igualar-se a eles, na detenção da sabedoria e força que aparentam ter.

A maturação biológica e sua inscrição simbólica na linguagem dão as condições necessárias para que o bebê se diferencie da mãe e, assim, a supere. Do convívio social com outras crianças e famílias, vivencia a queda da idealização dos seus pais, o espaço em potencial, contribuindo para que a criança perceba as fraquezas e incapacidade dos seus progenitores. Aqueles que outrora eram símbolo de seres humanos perfeitos, detentores de toda razão, certeza

e a completa disposição são substituídos no imaginário por monstros, uma vez que lhe negam alguma coisa ou o privam de algo. O sentimento de estar sendo negligenciado corrobora para que coloquem as qualidades extraordinárias e magnificas a prova (Freud, 1909).

É comum, frente ao crescente descontentamento com os pais, que se imaginem em situações melhores. Por isso, fantasiam que existam pais preferíveis aos seus. A crítica subsidia o direito conquistado de questionar sua realidade e se retaliar com ela. Sentir-se negligenciado ou tendo que disputar seu objeto de amor com o pai, ou ainda irmãos e trabalho, contribuem para infinitos ganhos ao aparato psíquico. É a castração que garante seu nascimento no mundo social e de convivência.

Freud (1909) conceitua a segunda fase do desenvolvimento infantil em romance familiar do neurótico. As fantasias que se seguem orbitam pela satisfação do desejo e suas retificações com a vida real. A criança se vale das brincadeiras e devaneios para atualizar suas experiências. Fenômeno que não se finda com a puberdade, posto que a fantasia está sempre presente quando a realidade se torna intragável, e nela consegue atuar ativamente sobre acontecimentos hostis.

É no jogo que a criança se torna capaz de elaborar questões traumáticas para o eu. Por essa via, consegue representar suas experiências enquanto vividas passivamente, em algo que detém o controle, portanto passa a ser ativo. O processo de representar contribui para que aprenda a controlar suas ansiedades, possibilitando que viva suas fantasias de forma simbólica. Outras contribuições importantes estão vinculadas ao melhor desenvolvimento do psiquismo, conhecimento e capacidade motora, além dos ganhos na área das relações sociais (Schmidt e Nunes 2014).

O romance familiar do neurótico contempla dois objetivos principais, um erótico, comumente oculto, e um ambicioso. Na imaginação, tem a incumbência de libertar-se dos pais que o desapontaram e caíram em sua estima, e substituí-los por representações superiores.

Começa a perceber aí as diferenças entre os corpos biológicos e suas funções nas relações sexuais. Fato que seria motivo de vingança e retaliação na fantasia (Freud, 1909).

Tendo em vista as reorganizações coletivas, a crise ocasionada pela perda de referenciais simbólicos produz novas formas para se ler a realidade. A ameaça contida nas mudanças e o temor pelo que se desconhece são oriundas de questões estritamente narcisistas. Como já dito, toda transição pode ser experimentada como um ataque ao narcisismo. Como mecanismo de defesa, a fantasia significa o retorno a nostalgia dos dias que se foram (Ceccarelli, 2007).

Os mundos inventados tanto por Máx quanto por Coraline sintetizam bem as questões levantadas. Constroem nesses novos lugares uma fuga da suas realidades hostis, produzindo uma expressão metafórica desse temor às mudanças e suas tentativas de produzir reconfigurações familiares de teor regressivo narcisista no plano individual e literário, semelhante ao que se pode observar nas configurações sociais propostos por Ceccarelli(2007) e Kehl (2013). Máx e Coraline são personagens da ficção que se aproximam do que se passa conosco, justamente pela busca de um enfrentamento singular tanto quanto social de nossas incertezas contemporâneas.

3. SUA MAJESTADE, MÁX

O livro de Maurice Sendak, datado de 1963, conta a história de Max, um garoto comum que veste uma fantasia de lobo e sai fazendo bagunça, uma atrás da outra. Por visar atingir um público infantil, tem a linguagem fácil e rápida, com frases curtas e ilustrações que são um convite imediato para qualquer um que o lê, a adentrar ao mundo de Max. Na noite em questão, depois de muita travessura, briga com sua mãe. Ela o chama de Monstro e ele responde: “Olha que eu te como! ”. Assim, como castigo, vai para a cama sem jantar. Nesse dia, nasce em seu quarto uma floresta, onde o cipó chega ao teto e o oceano brota, junto com um barquinho, que o leva depois de uma longa viagem, para a terra onde vivem os monstros.

Quando chega, se depara com grandes e terríveis criaturas, que rugem e mostram enormes garras. Máx então, manda que se aquietem, os amansando com seu truque mágico. O truque era olhar fixamente dentro daqueles olhos gigantes e amarelos sem piscar sequer uma vez. A mágica funciona e em resposta, o elegem como a criatura mais monstruosa de todas, e assim, o fazem rei. Como soberano, ordena: " Vamos dar início a bagunça geral! ".

Depois de muita desordem, Max manda que parem e como castigo, vão para a cama sem jantar. Ele fica sozinho, sente saudade de estar em um lugar onde gostassem dele de verdade, sente o cheiro de comida gostosa ao longe, e então, decide que é hora de não ser mais rei. Ele pega seu barquinho e vai embora, não sem o protesto das criaturas que bradam a sua volta, mais o barquinho era só seu, então vai mesmo assim. Viaja por muito tempo, "mais de um ano, semana vai, semana vem e um dia inteiro" até que chega em seu próprio quarto, na mesma noite em que partira. Depois de toda aventura, encontra o jantar quentinho e esperando por ele.

O filme de Spike Jonze (2010) é baseado no conto infantil de Maurice Sendak. Nos faz pensar na capacidade humana de criar. O diretor parte de uma história lúdica para uma obra de arte, explora cada centímetro do mundo inicialmente criado por Maurice. Com o longa-metragem, a história toma uma dimensão ainda maior e mais cativante. Entendendo sua base e fonte de inspiração, a presente análise será feita acerca do filme, que nos dá melhores condições para explorar o universo simbólico, onírico e fantástico do mundo infantil.

Nosso protagonista nos é introduzido como um garoto malcriado, travesso e só. Tenta por várias vezes chamar a atenção da mãe, que anda sempre muito ocupada com o trabalho, e da irmã mais velha, que agora é inclusa em seu grupo de amigos e não se dispõe a brincar com o pequeno. Uma das primeiras cenas ilustra bem a dita situação, Máx começa uma guerra de bola de neve contra os amigos da irmã. Estes entram no jogo e o atacam de volta. O garoto parece estar se divertindo até que, para se proteger, entra no seu iglu, e os meninos o destroem.

Fica visivelmente atormentado e com raiva, principalmente porque a irmã não o defendeu. A mistura de sentimentos e afetos o fazem por o quarto dela abaixo.

Assim como no livro, veste sua fantasia de lobo e sai fazendo bagunça, uma atrás da outra. Até que briga com a sua mãe, que estava com o namorado. Ele acaba dando uma mordida em seu ombro e a machuca. Assim, Max foge de casa e, depois de pegar um barco, finalmente chega na ilha habitada por monstros, onde Max se torna rei.

A travessia possibilita que Máx revisite seus conflitos internos e, para além, que atue ativamente na elaboração destes. A ausência do pai abre caminhos para outros rivais na relação edípica. Bem como o trabalho, os amigos da irmã e outro homem, ele se sente bombardeado por outras formas de vínculo em que em nenhuma delas tem lugar central. Quando ignorado por Claire, se apossa de um pedaço de madeira, que faz de cajado e ordena às cercas: "você cerca, vai brincar com outras cercas! ". Na fantasia, ele domina quem o dominou, usa das palavras da irmã como castigo e assim se restitui enquanto ser onipotente.

Vemos que se vale dos mesmos recursos, pois suas brincadeiras e fantasias sempre derivam de suas defesas. Ele nos conta a história do vampiro que ao morder o prédio perde a presa e, depois, todos os dentes. Os outros vampiros percebendo a falta, dizem que assim não há mais como ser vampiro, e o abandonam. Contra a ameaça de se sentir só, fala de si através do vampiro, através dos monstros e através do ser forte. Se esforça muito para manter o iglu de pé, o reconstrói na cabana e depois com as criaturas. O forte sucessor é sempre maior e mais seguro. Investe no abrigo como que para se salvar da hostilidade do mundo, esse lugar criado, que depende dele para ser, é o que o mantem grande.

Segundo Anna Freud (1965/1980), ao recusar lidar com os conflitos e situações aversivas, a criança em um primeiro momento nega e, pela imaginação, inverte os fatos. E assim, temos um rei. Ao ser questionado, usa de seus artifícios para convencê-los,

amedrontando-os. As grandes criaturas, que ameaçam comê-lo, temem que seus cérebros sejam explodidos por Max, que alega ter derrotado vikings, monstros muito piores e conquistado todos os poderes da terra. Diz não haver nada mais poderoso que ele e fim. Se torna rei. Triunfa sobre seus inimigos, sobre sua solidão e agora é responsável pela felicidade de todos. Como todo rei, é preciso governar. E tem-se o início da bagunça geral.

Jonze (2010) não nos traz a suavidade dos filmes infantis, coloridos, felizes e inocentes. Pelo contrário, faz fronteira com o assustador. Não nos mostra a travessia do mundo real para o interno, sua viagem é cheia de perigos palpáveis e tempestades que o desintegrariam. As criaturas selvagens divergem de qualquer outro animal, justamente por sua aproximação com o humano. São enormes, com garras, escamas, chifres, arrancam árvores inteiras do chão e destroem na mesma intensidade. Mas as vozes são mantidas e até mesmo dóceis. Não são vozes que se esperaria de monstros, mas é a característica humana que persiste, atravessada de emoções, sentimentos e dores. É possível notar isso no tom melancólico do Ira e nas reinvindicações de Judtih. O Touro, por sua vez, possui pés de homem, e talvez por isso seja o que mais lhe causa estranhamento. A fotografia é escura, as cores frias e os sons nos adiantam o perigo que se aproxima. É como se se fizessem destes recursos para mostrar como é difícil crescer. A travessia não é suave. E como entender o que há de sensível na selvageria?

Marc Vernet (1988), conforme citado por Codato (2016), explica que o cinema busca tornar sensível o invisível por seus próprios meios, escondendo, no espaço do filme, uma existência que não pode ser materializada sob a forma realista, mas que lá está presente, justamente por sua ausência.

Máx vê, nas criaturas selvagens, a possibilidade de atualizar suas experiências acerca do vínculo, uma possibilidade de restituir sua própria família. O que esperam dele, é justamente a função do pai, de fazer valer a ordem e, por consequência, a paz entre o grupo. Seu principal

objetivo é mantê-los felizes, unidos, em um ambiente compartilhado e que, ao mesmo tempo, preserve o lugar de cada um, onde possam dormir juntos e livres de qualquer briga e destruição. Do alto de seu pedestal, o garoto afirma ter meios para garantir-lhes isto.

Encontra em KW seu primeiro desafio. Ela é a criatura maternal que ameaça abandonar sua família, principalmente por não suportar os ataques de fúria de Carol e os constantes conflitos. É a personagem mais madura dentre os monstros e todos os outros reivindicam sua presença, sofrem com sua partida e despejam em Máx a obrigação de fazê-la ficar. O garoto revive o abandono e promete manter a paz com a construção do novo forte, onde, equipando-o com seus poderes mágicos, impede que qualquer ser indesejável penetre sua fortaleza. Qualquer ameaça vinda de fora seria destruída.

A sua fantasia consiste em ter de volta o que nunca se teve. Isolar a família em uma fortaleza impenetrável é ilhar-se do mundo. É condenar seus membros a ilusão da autossuficiência e da lei infalível do amor. Ele espera que os monstros sejam domesticados, que nutram apenas boa vontade para com seus iguais e que não desejem nada além dele. Seu anseio está pautado na ilusão de uma família ideal, sendo isso o que espera que sua família fosse capaz de lhe dar. Clama por certezas e aconchego, por presença e união, e aposta que sua vontade seja o suficiente para mantê-los coesos, a salvo e livre de qualquer interferência.

Máx toma para si o dever de ser o laço que os une. Laço que outrora se rompe pela incapacidade de manter o pai vivo, atrelado ao destino da mãe e do seu. Ora, se o garoto não consegue manter sua família original unida, é o que espera que consiga com as criaturas, mas como poderia?

A família do século XXI é esse poço de incertezas que Máx teme. Ele tem saudade do lar antigo e que nunca existiu, onde a família nuclear era indissolúvel, com papéis muito bem definidos e o destino já escrito e previsto. Sente falta de ser guiado e compreendido; deseja,

acima de tudo, infalíveis conselhos concretos. O que seu pai deixa, não parece se fazer valer na situação atual. Como poderia ser dono do mundo* se tudo foge do seu controle?

Mario e Diana Corso (2016) trazem comparações entre a família antiga e a contemporânea. A primeira, subsidiada numa lógica patriarcal, onde o homem detém toda sabedoria e soubesse exatamente onde percorrer. Não havia outras possibilidades de existência para além da estabelecida, filhos de ferreiros eram ferreiros, fadados ao mesmo destino imutável, ao mesmo lugar de origem. A certeza ilusória era o conforto. Entretanto, família contemporânea rompe com as tradições. Com a saída da mulher para as fábricas, se diluem também as responsabilidades com a prole. A mãe que agora não se resguarda a este único papel, que é emancipada da exclusividade cuidadora, reivindica para si ocupar outros sítios, fora do lar. A saída, implica a abertura de outros caminhos, até então nunca pensados.

A mãe, que além de mãe, trabalha e vê também o mundo, convida o cônjuge a atuar em seu posto. O território do afeto, que lhes era reversado, passa agora a contar com a divisão de funções. Escapa do patriarca a certeza do futuro. Responder do novo lugar é assustador demais, principalmente quando lhe é cobrado a ternura, qualidade até então de exclusividade feminina. É chamar para inversão de papéis e diluição das responsabilidades. Enquanto a mulher sai, espera-se que o homem entre na participação e criação dos filhos. Não é só a seguridade material, mas também emocional.

Frente aos novos horizontes, é comum que interesses individuais prevaleçam sobre a família nuclear. Mario e Diana Corso (2016) dizem ainda que quando a tradição falta, o amor se encarrega de superá-la. Isto é, onde convicções são ultrapassadas, o único vínculo capaz de segurá-los enquanto família é o amor. Depositar toda a segurança em um sentimento instável

---

* A câmera foca no globo terrestre de Máx, com uma plaqueta que dizia: Para Máx, Dono do mundo. Presente que recebera de seu pai.

(porque depende de indivíduos completos, que buscam e desejam o próprio gozo, outras conquistas e outros mundos para além da fechada casa), parece insatisfatório. Aberto demais, solúvel demais.

É nesse novo mundo que Máx habita. Sua existência não garante a permanência do pai, muito menos a abdicação da vida da mãe. O filme não nos dá pistas do seu paradeiro, não se sabe se está morto ou se desistiu do casamento. Mas a separação se mostra rotineira e comum em diversos lares. É cada vez mais corriqueiro famílias monoparentais, onde estes indivíduos são perpassados pelo próprio gozo. A respeito da mãe, vemos nela a restituição da solteirice, sua volta a condição adolescente do flerte, de desejar e ser desejada em troca. Sua busca na satisfação sexual e amorosa com outro homem. Ocupar este lugar é também tirar o menino do caminho, mesmo que em uma fresta, é como se ele não pudesse participar por completo da vida da mãe. O lugar onde ela se faz mulher e namora, lhe é proibido. Por isso pede que se comporte, que não atrapalhe e que se faça invisível, porque o que aparece no filho é resto de outro amor, que para o namorado, não carece de ser revivido. Sua preocupação é com a mulher que Máx fere, somente.

O que ele clama em seu ataque de fúria é a defesa parental, e a atualiza como rei. Investido de todo poder e munições que tem, espera que seja o suficiente para levar a felicidade a todos. Convencidos previamente da sua capacidade, as criaturas confiam e KW retorna. Ele lidera brincadeiras e motins se valendo da agressividade, onde destroem árvores e, inconsequentemente, o corpo do outro. No convívio, alguém sempre sai machucado.

Passa a ter que responder com diplomacia, amansando a insatisfação de alguns. É visível sua predileção por Carol e KW, seu investimento em mantê-los juntos, vem do desejo de manter seus pais juntos também. Assim, as outras criaturas se veem fora do plano central,

impossibilitadas de fazer parte do enredo. Os monstros, que como qualquer outro ser humano querem ser apreciados, notados e ter suas inquietudes apaziguadas, são deixados de lado.

Surge então o confronto proposto por Judith. Ela e os demais excluídos o questionam se são iguais para ele. Reivindicam seu amor e atenção. Máx que não sabe ainda lidar com o que é chamado, vê suas armas e poderes perdendo as forças. Seu pequeno reinado sucumbindo aos poucos.

A crise se mostra tão eminente que KW o leva para tomar conselho com seus novos amigos, as corujas Bob e Terry, para ela as mais sábias criaturas. O problema é que o menino não os entende, sua linguagem lhe parece incompreensível, talvez pela diferença de maturação. Máx, que é só criança, não entende o dialeto dos novos amigos de KW, investidos pelo conhecimento dos adultos e crescidos. Impossibilitado pela não compreensão, se vê permitindo que os animais adentrem o forte, e possam compartilhar da vida familiar com o grupo.

A chegada dos estranhos enfurece Carol que, coincidentemente, também não fala a língua deles. O rompante de fúria ameaça a estabilidade do coletivo e sua onipotência. Ele é incapaz de garantir a felicidade geral e conciliar todos os desejos. É difícil ser família, uma vez que uma conexão baseada no amor parece ser fadada a constantes conflitos. Máx constata a restrição de seus poderes e se percebe, agora, como menino.

Sua posição não é melhor do que a de qualquer criatura selvagem, compartilha com eles suas frustrações e ansiedades. Teme o desamparo e busca nos monstros uma forma de recriar sua família. Não são os laços de sangue que unem o grupo, mas a necessidade de convívio social, regulado sobre laços afetivo-sociais de seus integrantes. Quando há substituição dos pais por meio da fantasia, em que as figuras reais são permutadas por outras em condições melhores, não significa dizer que a criança o faz por ódio ou ingratidão. Nessas substituições persistem qualidades que se fundamentam das recordações reais dos pais mais singelos e humildes. Assim

sendo, não há descarte, mas exaltação. Diz apenas da saudade que sentem do tempo onde seus pais eram imbatíveis e perigo nenhum ameaçava (Freud, 1909).

O menino tenta no novo mundo, recriar sua família original, dando um significado místico através dos monstros, cada um deles compondo aspectos da ideal família. Ele espera que seja possível viver e conviver sempre em paz. Espera que os conflitos nunca emerjam, caso contrário, que sejam superados com as armas disponíveis que tem, a brincadeira, os gritos, a destruição, mas ainda na lógica lúdica. Como se o mais sério dos problemas fosse resolvido com diversão. Como se a individualidade de cada ser, o desejo de cada um fosse suprimido em favor do coletivo. Espera que, por serem família, a felicidade seja uma obrigação, afinal, o amor deve suportar tudo.

O grande desafio em ser família está em conciliar o direito ao gozo de cada um. Ao consideramos cada sujeito perpassado por diferentes experiências de satisfação, concluímos que também gozem de diferentes maneiras. Aquilo que se perde quando tenta encontrar a palavra é inominável no sentido e na produção que provoca. Quando se pensa em gozo, e na pluralidade intangível que se prostra, percebe-se que é vetada, a aquele que fala, um tipo particular de satisfação inconsciente. Visto que, ao dizê-la em palavra, esta última terminantemente não representa aquilo que a gente quer. Como se não se soubesse aquilo que se está pedindo naquilo que se está pedindo. Do que se faz palpável sempre nos escapa alguma coisa. A vontade da satisfação do gozo é isso, o inominável que nos escapa. Ter ciência de que cada um, na sua mais íntima construção, tem direito de gozar de forma diversa da minha, nos abre caminhos para entender e suportar a organização familiar e social vigente.

Ninguém ama ninguém o tempo todo, muito menos serei eu o ponto central ou razão de júbilo para a sua existência. Viver em sociedade é alhear-se também do próprio desejo e no encontro com o outro deixar-se tocar, compreendendo as faltas, falhas e incompletude. É

impossível unir um grupo em torno de um único gozo, por outro lado, é dando lhes espaços e possibilidades para suas satisfações que se atinge a própria. No espaço em potencial que os une, permitir que falhem, que desejem e gozem de outras coisas que não diz de mim. O grupo, familiar ou social, é forte quando todos se fazem ouvir e ser vistos guardando o espaço da diferença fundamental.

A frustração com a família real – ausência do pai e a continua vida da mãe, que existe e goza para além dele, bem como a puberdade da irmã – fazem Máx questionar seu posto de majestade. Sua onipotência e lugar central na relação de objeto de amor fálico se mostra ameaçado. Existe uma reivindicação de cuidado e retorno da segurança que outrora tinha. Quando não lhe respondem como gostaria, se enraivece. Quando não recebe toda a atenção que exige, ataca contra a mãe tentando comê-la, mordendo e arrancando um pedaço seu. Se defende ainda, devolvendo a culpa, isto porque é a ausência dela que o torna monstruoso. Se torna selvagem justamente na defesa ao ataque e a dor da perda do suposto lugar de objeto fálico. Não parece justo a criatura ser abandonada pelo criador, então ele é quem parte, numa experimentação lúdica de sua angústia de separação.

4. CORALINE JONES

A história de Coraline começa com a mudança de sua família para um novo apartamento. O prédio era grande e muito antigo, não muito agradável para uma garota exploradora morar. Em um dia, particularmente chuvoso, e por isso impedida de ir brincar fora, se sente extremamente entediada. Recorre primeiro à mãe, depois ao pai, ambos envolvidos demais com seus projetos, para lhe darem a atenção que pede. São pesquisadores e, embora sempre em casa, passam a maior parte do tempo concentrados no trabalho. Tão concentrados que não plantam, não brincam, não cozinham. A comida do pai, ao seu paladar não agradava,

era cheia de legumes e especiarias não convencionais. Depois de contar todas as janelas, portas e coisas azuis, percebe uma que não se abre.

Em sonho, recebe a seguinte mensagem dos ratos: Somos pequenos, porém muitos/ Muitos somos, bem pequenos/ Ao topo já vimos te ergueres/ Ao tombo nós assistiremos. A mensagem parece uma anunciação do que está por vir. A moral oculta, revela que mesmo pequena e assim como ela, existem outras iguais. Se do alto posto já foi erguida, então o que resta é a queda. Se sente, assim como Máx, destituída do seu reinado. A espera do tombo, ou das idealizações, que conduzirá a fase seguinte.

Nas suas andanças pelo prédio, conhece suas vizinhas do andar de baixo, Sra. Spink e Sra. Forcible, duas velhas e gordas que reclamam seus tempos áureos, quando eram atrizes famosas, belas e jovens. Elas leem nas folhas do chá o seu futuro e atentam ao perigo que se aproxima. Dão de presente uma pedra com um furo no meio, que a ajudaria com coisas ruins ou esquecidas. Coraline, ao contrário do que se espera, fica animada com a iminência do perigo. Anseia por qualquer sensação que a tire do tédio. No andar de cima, um velho maluco com bigodes enormes, treinava um grande espetáculo de ratos. Traz a mensagem deles a advertindo sobre a porta, que não deveria atravessá-la. Seus vizinhos sempre teimavam em chamá-la Caroline, por desatenção ou ainda, por falta de uma caracterização própria, uma identidade que a fizesse realmente Coraline.

A garota se mostra visivelmente contrariada com a mudança, com os pais, com a nova escola, pois parece ter perdido o controle de sua própria vida. Ela queria lugares novos para se explorar, um jardim todo florido, comida não exótica, diversão, enfim, tudo que não tinha.

Freud (1926/1996) postula sobre a dependência e desamparo que nos assola desde o primeiro momento. Se comparado com outros animais, a espécie humana guarda pouco tempo no útero, sendo necessário saltar ao mundo, numa versão ainda não acabada. Dependente do

outro, que garante os cuidados básicos para a sobrevivência. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida (Freud, 1926/1996, p. 151).

O desamparo original diz da nossa condição frente ao mundo. Imaturos, indefesos e sem recurso algum. Incapazes de preservar nossa própria existência, clamamos ao outro que nos alimente, que nos cuide e que nos ame. Nossa fragilidade inicial é recompensada com a satisfação quase imediata do desejo. É pelo choro que a mãe sente a fome do filho, e sem ela o bebê não consegue comer sozinho. É preciso uma ação específica, vinda de fora, para que se finde a tensão interna. A não ajuda, ou ausência de, ou a angústia primeira é fundante do psiquismo. Nascer não significa necessariamente existir.

Max e Coraline vivenciam o desamparo. Se sentem sozinhos, negligenciados, saudosistas de uma época em que tinham seus desejos satisfeitos. Reclamam e disputam a atenção dos pais, parecem querer ter de volta todo o mundo deles. E como crianças que são, experienciam na fantasia caminhos para reverter a realidade, destruindo-a ou reinventando novas formas de relação ao amparo simbólico.

A mãe de Coraline se nega a comprar o par de luvas verdes que ela tanto queria. Em troca, leva uniformes acinzentados e um suéter constrangedoramente grande e largo, na esperança de um dia, a menina cresça e o preencha. É compreensível que se irrite diante da frustração, mas a garantia oculta do cuidado é colocada. O suéter maior do que seu corpo, diz de uma aposta, de um investimento libidinal que a possibilita crescer. O espaço em potencial assegura o seu futuro. Amor não é dar tudo que o outro acha que quer, mas permitir que este seja, ou que venha a ser.

Assim, numa experimentação lúdica de sua realidade, Coraline atravessa a portinha rumo ao seu mundo interno. Adentra um corredor escuro, levemente movimentado, análogo ao

útero, e cai num apartamento espelho do seu. O apartamento estranhamente familiar a deixa confusa, não seria possível sair e cair no mesmo lugar.

A outra mãe, lembrava um pouco a verdadeira mãe. Apenas sua pele era branca como papel, apenas ela era mais alta e mais magra. Apenas seus dedos demasiados longos e não paravam nunca de mexer, e suas unhas vermelho-escuras eram curvadas e afiadas. Seus olhos grandes eram botões negros (Gaiman, 2003). Seus outros pais se diziam ansiosos por sua chegada, que a esperavam há muito tempo. Confrontada pela novidade em se ter outra mãe, questiona. A resposta é clara, todo mundo tem. Todo mundo tem um refúgio dentro de si quando a realidade não se faz suportável. O mundo interno e ideal, criado em cima de tudo que mais se quer. A mãe que cozinha de verdade, o pai que a escreve canções, as combinações de cores mais atraentes do que seu quarto, toda uma caixa de brinquedos maravilhosos, o jardim florido... seriam apenas truques, criações da mãe-aranha, numa tentativa de seduzir Coraline, na intenção de que escolha permanecer nesse novo mundo apresentado.

No mundo invertido, só não tem o outro gato. Enquanto qualquer pessoa tem os olhos costurados por botões, o gato parece ser o único que consegue ultrapassar o portal sem se fragmentar. Em um diálogo que travam, ele diz: "Não sou outro coisa nenhuma. Sou eu. Vocês, pessoas, se esparramam por toda parte. Nós, gatos, nos mantemos íntegros, se é que me entende. Gatos não tem nomes. Agora, vocês pessoas tem nomes. Isto é porque vocês não sabem quem vocês são. Nós sabemos quem somos, portanto não precisamos de nomes" (Gaiman, 2003). Mais do que uma fantasia criada para suprimir suas angustias reais, a busca em seu universo interno, é também uma busca de sua própria identidade. Uma forma de se entender enquanto ser existente e complexo. É uma busca por Coraline.

Embora pareça tentador, permanecer requer um alto preço. A mãe-aranha, tenta seduzi-la com todas as armas que tem, tenta persuadi-la de que seria o melhor a se fazer, permite

um lugar onde nada faltaria, onde teria comida gostosa sempre a mesa, todos os holofotes, todos os brinquedos. Em troca da permanência, deveria abdicar de seus olhos, e costurar, assim como todos os outros, grandes botões.

Os olhos, simbolizam o desejo, a alma ou ainda a vida, que a mãe ameaça arrancar. Isto porque, para que ela fique inteiramente sob seus domínios, não pode querer outra coisa, senão o que ela tem para lhe dar. O que ela oferece, numa antecipação de qualquer desejo da menina, é uma armadilha para mantê-la sempre em sua teia. A mãe-aranha jura que ama, mas ama o amor que diz sentir, ama como se amasse um objeto, que não tem a intenção de soltar. Porque abdicar da vida, ou do potencial futuro, significa ficar sempre por perto, satisfazendo-a na qualidade materna de quem precisa de cuidado. A proposta é indecorosa para uma exploradora. Coraline não aceita fazer parte de seu pequeno e impenetrável mundo.

A negação faz vir à tona o pior. Quando a garota se dá conta do perigo e tenta voltar, tem seus pais raptados pela Outra mãe. E assim percebe o mundo com outros olhos, agora ameaçador e sem tanta magia, visto que o encantador era uma ilusão criada a fim de enganá-la. Os bonecos se desintegram, os brinquedos conspiram contra, a casa se transforma em uma grande armadilha. Todos os personagens não passam de enfeites controlados pela bruxa, e, portanto, ninguém poderia ajudá-la.

Na sua preparação de retorno, se dá conta de sua missão. Se inquieta com a possibilidade de ser uma família de filha única, relembra seus pais, sente saudades e decide voltar para trazê-los de volta. Para se sentir menos só, escreve uma história: "Havia uma menina que se chamava maçã. Costumava dançar muito. Ela dançou e dançou e dançou até que seus pés viraram sauçixas. Fim" (Gaiman, 2003 pp.73).

O conto se parece muito com o dos vampiros de Máx. Ambos se utilizam do recurso de contar histórias para dizerem de si e de suas angústias. Depois de dançar tanto, perde os pés,

assim como o morcego perde o dente. Perdem aquilo que tem mais apreço, um vampiro sem dente é como uma dançarina sem pés, como uma exploradora sem olhos. Parecem adiantar a lição tirada da aventura. Quando a organização se baseia na lógica do desejo, perde-se aquilo que o caracterizam, perdem a identidade e são expulsos de algum paraíso.

Recorre à polícia, mas estes também não podem ajudá-la. Ninguém pode. Se construir é um caminho só, que deve ser trilhado só, a autonomia não é de graça e nem sem preço. É preciso conquista-la. Ela se conforta numa lembrança do pai. Relembra um episódio em que, atacados por vespas, ele fica parado recebendo todas as investidas, enquanto ela corre. Porque sabia que precisava dar tempo para que ela fugisse, do contrário, ambos seriam perseguidos. Como se ao recordar o pai real e do que havia feito por ela, a tornasse ainda mais determinada e segura de que não seria presa. O amor e amparo que a memória atua, deixam-na forte. Passa a exaltar as qualidades reais dele, sua bravura e proteção. Se sente reconfortada em lembrar o quanto é amada. Ciente de que seu futuro dependia exclusivamente dela, se apossa de uma coragem que não sabia que tinha. Ela se apossa do que fora sua infância, já que agora ela era seu passado, sua história que podia dar passagem para seu devir adolescente, corajosa e desejante.

Coraline confronta a Outra mãe e propõe um desafio de exploração. Mais do que salvar os pais, o mundo invertido é uma busca sobre si. Nas andanças, ela adentra o limbo, uma espécie de lugar que não é lugar, só o branco leitoso, só o vazio, sem temperatura, nem sabor, nem cheiro, nem textura. O exterior da casa era a parte em que a Outra mãe não tinha se aventurado a criar. Todos a quem conhecera se esvai, os bonecos e truques desmoronam. Só existe o limbo, e a casa. O limbo, como parte externa, simboliza a potencialidade das coisas de virem a ser. É preciso existir o vazio para que algo possa ser criado. O mundo encantado refere-se a um mundo muito pequeno, restrito de possibilidades, onde a mãe já reina, e por isso, se ficar, ela renunciará a si mesma, se entregando de corpo, alma e olhos. Entregando seus desejos para aquela que

promete satisfazê-los infinitamente. Enquadrando-a em um ato, montado e reproduzido eternamente, assim como Spink e Forcible, seria condenada a viver todo o sempre repetindo a cena, dirigida pela mãe-aranha. Presa na teia, assim como no pequeno e ilusório mundo inventado.

A Outra mãe, se sentindo em risco, castiga Coraline prendendo-a atrás do espelho, onde encontra as outras crianças, também prisioneiras da criadora. Elas lamentam pelo nome perdido, pelas memórias e pela vida. Dizem ser apenas um casulo vazio, e imploram que a menina os libertem, achando também seus olhos. Mais terrível do que crescer e se inventar é a ameaça da prisão, o fim de todas as buscas, a certeza absoluta que encerra todas as questões.

Parte para o jogo com a ajuda da pedra recebida de Spink e Forcible. Pelo furo via o mundo como realmente era, cinzento. Entendia agora que o amor prometido não era nada além de posse. Amava, no entanto, como um ávaro ama o dinheiro ou como um dragão ama seu ouro. Coraline sabia que, aos olhos de botões da outra mãe, ela era uma posse, nada mais. Um bicho de estimação tolerado, cujo comportamento já não era mais divertido (Gaiman, 2003 pp.139). Por compreender isso, já não se amedrontava. Via a ilusão como uma paródia horrível das pessoas de verdade e das coisas de verdade. A mãe-aranha não podia realmente criar nada, apenas torcer, copiar e distorcer coisas que já existiam.

O momento da elaboração vem quando se entende como a criança que é. Entende que não quer tudo o que quiser, ninguém realmente o quer. Assim, consegue escapar da bruxa, tendo encontrado os olhos das crianças e também seus pais. Não há pacificidade na busca, as armadilhas são milhares e a outra mãe não pretendia deixá-la partir sem esforço, nem cumprir com o combinado. Mas a garota consegue fugir.

No outro dia, é acordada por seus pais reais. Se percebendo de volta, sã e salva, no seu verdadeiro lugar e amada por seus verdadeiros pais, se sente em júbilo. Diz da saudade que

estava e de como os amava. Agora, mais Coraline do que nunca, se percebe completa. O céu nunca parecera tão céu, o mundo nunca parecera tão mundo. Tomada pela 'interessantisse' do mundo, estava pronta para o que viria a ser. Aberta as possibilidades de futuro e da adulta que um dia seria (Gaiman, 2003).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análogo ao mundo de Máx, temos o de Coraline, que por inversão da fantasia, retorna ao protegido útero. Onde tudo lhe é ofertado e todos os seus desejos satisfeitos pela mãe ideal. A Outra família antecipa qualquer necessidade, se esforça na condição perfeita e contrário a original, que se omite. Coraline experimenta a idealização e ausência da falta as custas de sua liberdade. Ao mesmo tempo em que lhe é dado muito, cobra-se também o extremo. A Outra mãe tem costurado no lugar dos olhos, grandes botões e por esta razão, não pode ofertar o olhar, nem investimento libidinal. O preço que se paga é nunca mais sair do território já dominado pelo amor cego materno. A ausência da falta é a renúncia do crescimento. No desenrolar da trama, Coraline se dá conta do horror contido na ilusão do ideal. Vê a mãe se tornando um monstro, capaz de envolvê-la permanentemente presa em suas teias. Assim, vivencia o terror da castração e se submete, abandona a fantasia do mundo invertido e volta para sua família real, faltosa e falha. Mas é onde lhe é permitido ser.

Uma aventura sempre acarreta infinitos ganhos para o aparato psíquico da criança, tiram-se lições cruciais para seu desenvolvimento. A mãe que tudo dá é a mesma que engole, enquanto Máx, tenta realizar o inverso. O pequeno rei é quem tenta engolir, mordendo. Para refúgio contra a ira de Carol, deixa ser devorado e se aloja no interior da barriga de KW. É de dentro que se entende como Carol, se identifica com a fala e elabora os ganhos da viagem. Vivencia também sua angustia da castração, responde de um novo lugar, de agora castrado e é então regurgitado, para um novo mundo real.

Toda inventividade de Máx, era ao mesmo tempo uma forma de tratar simbolicamente a sua dor, ao mesmo tempo em que pela sua "impostura de superpoderoso" poderia lidar com o futuro lugar de adulto que está por vir – o lugar de castrado, ou seja, que poderá lidar com as impossibilidades da vida de gente grande.

É quando se abstém da coroa que se percebe só menino, só Máx. E que por isso, agora gigante e pronto para retorno.

Sendo o desamparo original fundante do psiquismo, é preciso lidar com o fato de que este persiste durante toda a vida. Cabe a nós inventar saídas e encontrar soluções que silenciem nossas angústias. Assim como Máx descobre nos monstros uma possibilidade de reviver em família, e percebe as particularidades de cada um, bem como compartilha com eles frustrações e anseios, tira-se a lição do quanto é difícil ser família. Conviver requer resiliência para suportar o que não gosto no outro. Requer muita paixão para que alheado ao desejo do outro, vê-lo realizado me satisfaça também. A mansidão suporta os desafios que se seguem, é preciso ter calma no encontro. Estar aberto e ciente de que ninguém ama ninguém o tempo inteiro, mas a presença, mesmo que simbólica, sustenta e desembaraça nossa existência. Ser família é uma busca constante. Máx nos ensina que nenhum lugar é como nosso lar. Que sejamos capazes de, na perda de algum referencial, nos reorganizarmos. Qualquer forma de amor é válida, qualquer estrutura familiar também o é. Que não fiquemos presos a concepções arcaicas, os reajustes servem à nova ordem social na qual estamos inseridos. É o modelo patriarcal que está em desuso, e que este não impossibilite nossa transgressão. Que cada rearranjo, legitime a família que fomos capazes de inventar.

Coraline por sua vez, nos agracia com sua busca à individualidade, na aventura que é crescer e libertar-se dos pais-aranha. Daqueles que por não saberem amar em liberdade, aprisionam. Percebe na fantasia, que o ideal é deveras ilusório. Que cercar-se do que acha

querer, configura o encerramento da vida e dos quereres. Romper com a ideia do perfeito, é acalentar o real. É lidar com o desamparo e ameaça de se sentir só em prol do bem maior. Visto que acolher o real, significa também acolher as falhas, faltas e defeitos daqueles que nos circundam. Cada parte como seres de paixão, movidos pela ordem do desejo, e por isso suscetíveis ao erro. É permitir que errem sem retaliações, na confiança de que por amor decidiram ficar. Suportar o desamparo é inventar reorganizações e novas formas de se ler o mundo.

Ambos os personagens fazem fronteira com o mais íntimo de cada um de nós. A queda do ideal e busca por uma identidade é conflito que nenhuma alma se safa. Crescer pode ser uma experiência terrível, se desfazer de certezas e acolher o devir pode se mostrar assustador demais. Mas há algo de magnífico em se descobrir gente. É importante que nos olhemos com o cuidado que gostaríamos, que abracemos nossas falhas e também a dos outros. Por que é no encontro que nos esparramamos. Que não nos falte coragem na transgressão, e na infinita busca de quem queremos vir ser, que possamos sempre que confrontados, evoluir e traçar caminhos até então impensáveis.

Quero, por fim, ser coroado rei
Do nada a que enfim vou.
Será minha coroa o que serei,
E o ceptro o que sou.
Fernando Pessoa

REFERÊNCIAS:

Baeza FLC, Soares PFB. Vivências psíquicas da infância no filme "Onde Vivem os Monstros". Rev. bras. psicoter. 2013;15(2):39-51

Bourdieu, Pierre (1998). A Dominação Masculina.Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.

Ceccarelli, Paulo Roberto. (2007). Novas configurações familiares: mitos e verdades. Jornal de Psicanálise, 40(72), 89-102. Recuperado em 15 de maio de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352007000100007&lng=pt&tlng=pt.

Codato, H. (2016). O corpo e a voz no cinema contemporâneo: reflexões sobre o filme Ela (Her, 2013), de Spike Jonze. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 43(46), 106-125.

Corso, D. L.; Corso, M. A psicanálise na terra do nunca: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Artmed, 2016. 328 p.

Freud, A. (1965/1980). Infância normal e patológica. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (1926/1996). Inibição, sintoma e angústia. Obras completas, ESB, v. XX. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, Sigmund. (1909 [1908]). Romances Familiares. Livro IX - Obras Psicológicas de Sigmund Freud. file:///D:/Usuario/Desktop/PSI/TCC/romancesfamiliares.pdf

Gaiman, Neil. (2003). Coraline. Ilustração de Dave McKean; Tradução de Regina de Barros Carvalho. Rio de Janeiro; Rocco

Kehl, Maria Rita. (2013). Em defesa da família tentacular. https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular

Roudinesco, Elizabeth. (2003). A família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Sendak, M. Onde vivem os monstros. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Teperman, D. W. (2012). Família, parentalidade e época: um "nós" que não existe. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/T.48.2012.tde-16082012-112951. Recuperado em 2019-05-15, de www.teses.usp.br

Woolf, V. Profissões para mulheres e outros artigos feministas. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.